

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 35 - OUTUBRO 2023

A photograph of a dead, gnarled tree on a cracked, dry landscape under a cloudy sky. The tree is on the right side, leaning slightly. The ground is covered in a network of deep, irregular cracks, suggesting severe drought. The sky is filled with large, white, billowing clouds against a darker background.

A ilha dos famintos

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. II N.º 35

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

Produção e Designer

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Dahiana Moraes
Danielle Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta
Neto Curvina

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania
Vol. II - N° 35 - Outubro de 2023
Rio de Janeiro - RJ
Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

DAHIANA MORAES

Jurista, Parecerista, Consultora e Escritora

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

A ilha dos famintos



Fonte da imagem: <https://www.mitologia.pt/o-falecido-adonis-de-autoria-228200>

O mito de Adônis nos apresenta uma feroz criatura que, enviada por Ares, é encarregada de mandar ao Hades o jovem amado por Afrodite. Enciumado, o deus da guerra enviara, para alguns se transformara, em um javali que após atingido por um dardo lançado por Adônis, conseguiu desferir um ataque fatal contra o jovem.

Adônis era fruto da relação incestuosa de Mirra e seu pai, o Rei Téias de Assíria na Mesopotâmia, que ao descobrir que fora enganado pela filha ordenou sua morte. Os deuses decidiram ajudar Mirra transformando-a em uma árvore, da qual, nascera Adônis, cuja a beleza encantou Afrodite, para alguns uma vingança de Mirra, por ter a deusa feito a princesa apaixonar-se por seu pai.

Adônis foi acolhido por Afrodite e criado pela deusa do submundo, Prosérpina, que também se encantaria pelo jovem, tornando-se motivo de disputa entre as duas divindades. Entretanto, Adônis se apaixonara por Afrodite, dividindo com ela a maior parte de seu tempo, sendo esta a motivação dos deus da guerra, amante da deusa.

Movido pelo ciúme, Ares envia o javali para ceifar o belo jovem, que sucumbe ao ser atacado pela fera, morrendo antes da chegada de sua amada. A morte de Adônis deixa evidente que uma criatura

Leandro Costa

selvagem pode ser o meio qual tira-se de alguém aquilo que ama, parecendo uma obra do acaso, o ataque do javali atinge os anseios do deus da guerra.

Não por acaso, a figura do javali fora trazida da mitologia antiga, uma vez que, no cenário atual temos a mesma criatura do mito como um provável, mas não mais relevante, algoz do frágeis humanos que são vítimas de planos dissimulados de tiranos impiedosos. Talvez o próprio deus da guerra invejasse a crueldade dos déspotas atuais.

Uma das medidas de governos totalitários, ainda durante sua escalada ao poder, é restringir, ao máximo, o acesso às armas de fogo aos cidadãos, mantendo assim o monopólio da força nas mão do Estado, ou ainda pior, dividindo-o com organismos criminosos que atuam sob as benções de atores do poder. Um conluio necessário entre políticos e marginais revolucionários para que, de mão dadas, pressionam a população refém em favor de sua perseguição ao poder.

Utilizando-se da falácia de que o armamento civil resulta em mais violência, alegando que armas de caçadores são usadas para os mais diversos crimes, argumento vazio que ignora a máxima que infratores não se enquadram às normas, os revolucionários tentam impor o desarmamento. Somente um idiota pratica crimes e usa o seu próprio veículo como meio de fuga, uma vez que, tem certeza que será identificado, de igual forma, é inegável que cometer crimes com uma arma registrada é uma demonstração clara de eficiência cognitiva.

O leitor pode se perguntar o que caçadores têm a ver com armas sendo utilizadas por criminosos, entretanto, a Presidente do Partido dos Trabalhadores, atualmente a situação, deixou claro em uma entrevista que sobre o desarmamento que a caça é algo “medieval” e que o controle de pragas deveria ser realizado pelo Estado, tratando especificamente do chamado manejo, que é a permissão da caça de espécies invasoras, para controle de população.

[Segundo a Presidente do PT](#) “Por que esse registro existe? Registro para caçadores? Isso é medieval. Nessa época da humanidade beira ao sadismo. Hoje são permitidas a caça de subsistência (comunidades tradicionais) e a do javali, para controle populacional. Esse controle deveria ser feito pelo Estado e não por caçadores. Essa caça foi completamente corrompida para servir de pretexto para circulação de armas em todo país”.

Cabe ressaltar que o chamado manejo é meio para tentar controlar uma espécie invasora que nem deveria existir no ecossistema em que fora introduzida, portanto, tal população sequer deveria ser controlada, pois, o correto é a erradicação da espécie em um ambiente no qual sua presença se torna deveras nociva. Uma espécie invasora, por não ter predadores naturais, acaba tornando-se uma praga capaz de causar danos imensuráveis ao meio ambiente.

Leandro Costa

Viajando pelo mundo podemos encontrar o sapo-cururu, espécie nativa da América do Sul que se tornou uma praga na Austrália, uma vez que, venenoso e voraz, tal anfíbio não tem predadores naquela região e se reproduz sem obstáculos, sendo um animal que se alimenta de quase todo animal que puder abocanhar, há quem aponte que crocodilos de água doce, entre outros animais nativos, sofreram queda considerável no número de espécies por conto do sapo, estima-se que um [marsupial local perdera cerca de 75% da população](#).

O perigo das espécies invasoras é considerável, em especial se tal animal se alimenta de diversas fontes, se reproduz rapidamente e não encontra obstáculos no habitat em que fora introduzido, de maneira que, como dito, o correto seria sua erradicação. O controle, por outro lado, pode ser o máximo que indivíduos consigam colocar em prática, todavia, alegar que somente o Estado deveria fazê-lo, em nome do monopólio do uso da força, é igualmente desonesto e irresponsável.

O desarmamento de caçadores, aos interesses revolucionários, pode servir de dois modos, pois, ao passo que, na busca pelo controle totalitário, retira-se do cidadão um instrumento que pode ser usado para se opor à tirania, inviabiliza o manejo de uma praga invasora no Brasil que é o javali. Sim, se bem observado, não só ao desarmamento se presta a “defesa” dos javalis.

É importante para quem assume uma visão totalitária que os cidadãos estejam vulneráveis ao seu poder, por tal motivo, desarmar a população é impedi-la de reagir aos avanços revolucionários. Por isso, é indispensável que a população confie sua segurança totalmente ao Estado, tornando-se uma presa fácil, indefesa, quando os revolucionários declamarem sua tomada de poder.

A [Pirâmide de Maslow](#), também conhecida como Teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas, proposta pelo psicólogo americano Abraham Maslow, aponta que o ser humano alcança tais necessidades em diferentes níveis, de maneira que, um indivíduo que tenha acesso às necessidades básicas, fisiológicas, começa a buscar a segurança e, somente após conquistá-las, aspirará por necessidades mais elevadas como sociais, estima e realizações. Assim sendo, ao imaginar qual seria a melhor forma de dobrar indivíduos aos anseios revolucionários, é fácil constatar que aqueles que almejam nada além de sua subsistência, ou seja, encontram-se no patamar que figuram as necessidades fisiológicas, estão mais vulneráveis à ação dos revolucionários.

Em síntese, quanto mais fragilizado um indivíduo, ou grupo, se encontra, mais frágil ele é, de tal maneira que, é possível escravizar quem almeja o básico e igualmente difícil se impor aos que se sentem seguros o suficiente. Quem busca realizações pessoais poderá sustentar suas posições em uma sociedade, entretanto, os que imploram pela simples existência, tornar-se-ão reféns daqueles que puxam as rédeas, sofrendo por ser dependentes de seus algozes.



Fonte da imagem: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mis%C3%A9ria>

Observando como populações assoladas pela miséria tornam-se escravas de déspotas, voltamos os olhos para países e regiões em que o povo parece ignorar suas mazelas e manter os piores tipos de líderes no poder. O continente africano é um bom exemplo, diversos povos subjugados por governos de tiranos e que parecem nada fazer para tirá-los do poder, todavia, o que verifica é que os grupos que se rivalizam perante tais tiranos são, nada além de aspirantes aos seus postos, que pretendem ocupar o poder e exercer igualmente a tirania em seu favor.

A máxima de combater a elite para impor a ditadura do proletariado, que jamais deixará os mais simples ocuparem as posições de comando, serve apenas para que um bando de usurpadores, geralmente mais gananciosos e nefastos que os que se pretende derrubar, assumam o trono para espalhar uma desgraça maior que qualquer uma que aflija o povo. Como o povo francês cair nas mãos dos revolucionários, entregando o pescoço aos loucos, qualquer um que veja no poder um tirano aceitará sua

Leandro Costa

substituição, ainda que pela força, o que permite ao mal ainda maior que espreita nas sombras mostrar-se como solução.

As contantes decisões judiciais e atuações de outros órgãos que deveriam promover a justiça, que se distanciam cada vez mais da noção do que é justo, para satisfação daqueles que detêm o poder, incuti no cidadão o sentimento de que o Poder Judiciário, e outros, são meros instrumentos aos anseios dos mais poderosos e que não servem ao seu fim. Tal visão de abandono, fundamentada, leva os indivíduos a busca por outros meios de solução de conflito, clamando, por vezes, a “justiça” dos marginais, um justicamento doentio que valida a soberania do crime.

Segundo o Promotor de Justiça Roberto Wider Filho, em [entrevista concedida à Folha de São Paulo](#), a respeito dos chamados tribunais do crime. “*São tribunais de justicamento com duas naturezas principais: uma é a manutenção da disciplina dentro da hierarquia do PCC. Eles condenam pessoas que lesam a facção criminosa e integrantes que não cumprem as ordens dentro da facção criminosa. A outra natureza é a de que esses tribunais se estendem às pessoas estranhas aos quadros da facção e aí é mais grave ainda, porque eles estão julgando, eles se arvoram no poder de julgar pessoas que nem sequer fazem parte daquela quadrilha*”.

Assim como os praticados pelos movimentos revolucionários que gestaram tais facções, o justicamento deve ser eficaz para que os “jurisdicionados” vejam nele a confiança que não se observa nas instituições legitimamente constituídas. Tal “eficiência” valida o poder do crime sobre os indivíduos cuja sua mão puder alcançar.

Um trecho de matéria recente da [Revista IstoÉ](#), uma mulher torturada e morta por ordem de criminosos por subtrair uma bicicleta, a notícia apresenta uma parte que merece destaque, “*O dono da bicicleta teria descoberto paradeiro do veículo e foi até o ponto de venda de drogas para reclamar. Nesse sentido, o gerente do tráfico no local teria ordenado a morte da mulher*”.

Chama a atenção que o dono do objeto furtado tenha procurado o crime organizado para promover a justiça diante do crime, o que leva a dois apontamentos. Que, de fato, a autora do furto mereceria punição e a vítima sabia que o Judiciário, diante de uma legislação penal complacente e sua própria inventividade, o chamado ativismo judicial, seria leniente com o crime, bem como, o fato de a vítima do furto reconhecer a autoridade do crime organizado como capaz e mais eficiente para julgar a questão, ou seja, para materializar justiça ao caso.

Tal tipo de situação faz com que os indivíduos reconheçam, através da suposta eficiência, que o justicamento promovido pelo crime organizado é mais confiável, portanto legítimo, que o prestado pelo Estado. A armadilha faz com que tais organizações, que possuem [nítido viés revolucionário](#), sejam

Leandro Costa

reconhecidas como instrumentos de justiça, para, posteriormente, expondo sua face maligna, possam impor suas vontades mais dantescas através da força dos seus justicamentos.

A tirania sempre se revelará quando estiverem confortável o suficiente, dando agora o resultado que pretende impor e não aquele que os jurisdicionados esperam como resposta natural ao injusto. Assim, um tribunal, do crime ou não, quando corrompido, tornar-se-á instrumento de imposição com verniz de legitimidade. Em uma outra matéria da mesma [revista supramencionada](#), destaca-se o trecho, “*a vítima se recusou a beijar um homem em uma balada e teria o ofendido na sequência. Dessa forma, o membro da facção foi embora da casa noturna e retornou com outros comparsas para cobrar a mulher*”.

Nota-se que o “crime” que era objeto do justicamento foi a recusa em beijar um criminoso em uma balada, curiosamente, ainda há quem repita a falácia de que o crime organizado condena o estupro e outros abusos, ignorando que tais organizações só o fazem quando o autor da infração é membro do baixo clero da facção ou não pertence à mesma. Difícil imaginar como populares não se rebelam diante de tamanho abuso, mas o primeiro obstáculo pode ser justamente a fragilidade em que os indivíduos que, poderiam se levantar contra o mal, se encontram.

Em uma comunidade dominada pelo crime organizado, geralmente, os mais fragilizados pelas mazelas são os que não comungam dos ideais da facção dominante, por outro lado, os que se banqueteiam, mesmo que das sobras, dos tiranos, tendem a abraçá-los como líderes revolucionários liberadores. Como se pode ver também nas regiões mais carentes, nas quais os algozes da população perpetuam-se no poder pelo medo ou pelas amarras que põe sobre os menos afortunados.

Uma sociedade desprovida do básico sequer cogita uma mudança nos rumos da política, posto que, suas necessidades são urgentes, como comida, abrigo e saneamento básico, por tal motivo, privar as pessoas do mínimo existencial é uma forma de acorrentá-las. Talvez isso explique o motivo dos revolucionários se oporem de forma aberta à medidas que pretendiam melhorar as condições de saneamento em geral, o que afetaria de forma positiva os mais carentes.

O jargão “quem tem fome, tem pressa”, explica de forma clara como um indivíduo faminto torna-se incapaz de buscar medidas de longo prazo, por isso, àqueles que pretendem manter a miséria para oferecer sempre o peixe, é indispensável que tais indivíduos nunca consigam pescar. A seca do nordeste, o isolamento dos indígenas e a marginalização das favelas são fatores que prejudicam a libertação dos que se encontram fragilizados por tais condições.

Um povo desarmado não poderia reagir a tirania, seja ela imposta pelo Estado ou por uma força à margem da lei a qual o próprio não desarmou, da mesma forma, indivíduos que são privados d mínimo precisarão se libertar para desenvolverem um pensamento de longo prazo. Os revolucionários precisam de

Leandro Costa

uma sociedade aquebrantada para que seus arautos possam, oferecendo migalhas, cativar o máximo os corações.

Voltando à fera que matou Adônis, resta fácil compreender que ao dificultar o manejo do javali, os líderes revolucionário podem obter dois resultados em uma só tacada, pois, reduziriam o número de indivíduos com armas legais, evitando assim uma reação aos arroubos do Estado e, principalmente, do braço arma da revolução, seja grupos que se rotulam como movimentos sociais, gangues que se unem com diversos pretextos como torcidas, ou as mais violentas, as narcoguerrilhas.

Por outro lado, a explosão da população da espécie invasora pode resultar em perdas imensuráveis para o agronegócio, incluindo o pequeno produtor, e o ecossistema. O animal, que é originário do velho mundo, se alimenta de vegetais e animais, podendo ser devastador para agricultores ou pecuaristas, além de destruírem a flora e a fauna nativa, em alguns casos, [nascentes podem ser vítimas da ação da fera](#).

Podem transmitir doenças aos animais de estimação ou da pecuária, bem como, se reproduzir com porcos, criando assim o chamado [javaporco](#), criatura de proporções maiores que os seus genitores selvagens, conservando sua agressividade. Tal praga já preocupa agricultores e pecuaristas das regiões sul, sudeste e centro-oeste, deixando um rastro de destruição por onde passa.

Obviamente, o cidadão que estão de frente com a devastação trazida pela espécie invasora, encontram obstáculos para que realizar o controle, ou erradicação da praga, o que é enfrentado mesmo nos EUA, país em que o acesso às armas de fogo é bem menos penosos que o Brasil. A sugestão de que o Estado deveria ser o responsável pelo manejo, considerando que não consegue controlar sequer o crime e faz com que as indivíduos recorram aos marginais para suprimir a falta de tutela jurisdicional, é um vergonhoso convite aos caçadores para que depunham suas armas e deixem a praga dos javalis devorarem o Brasil.

O agronegócio e a agricultura de subsistência brasileiros contribuem de forma ímpar para a alimentação da população mundial, sem fazer elucubrações sobre o tema, é importante contatar que a destruição da produção rural do Brasil impactaria, não só a população do país, mas do mundo. Os interessados em “preservar” a praga dos javalis devem ser, no imaginário de muitos, indivíduos incautos que podem, devido à irresponsabilidade, levar o mundo ao caos e expandir a fome de maneira assustadora, em especial no Brasil.

Os revolucionários espalharam a desgraça por onde pisaram, causaram matanças, desastres e fome, sendo assim, podemos presumimos que são totalmente incapazes de discernir a verdade de sua visão distorcida, o que justificaria não delegar nenhum poder aos mesmos, ou, o que parece mais racional, suas ações são pensadas e os resultados, por mais que sofríveis, são os desejados. Sim, pode ser assustador

Leandro Costa

pensar que alguém cria mecanismos para que a fome e outras mazelas se espalhem pelo mundo, mas como explicado, é a fraqueza dos outros que os mantém no poder.

Presumir que o Holodomor e a Grande Fome de Mao resultaram de gestões incompetentes, também leva a crer que Cuba também sofre por conta das decisões erradas de Fidel Castro. Infelizmente, tal visão de mundo, que parece uma forma de calar os socialistas em nome do sucesso do livre mercado, esbarra em um único fator. Não seria possível que a ditadura venezuelana, apesar de possuir grande reserva de petróleo e ter observado os erros das gestões socialistas que foram implementadas em todo o mundo, seguiria pelo mesmo caminho.

Nada justificaria o que o governo socialista da Argentina colocou em prática e, muito menos, as direções que a “democracia relativa” brasileira busca adotar, em que pese, apesar das restrições globais durante a pandemia, o Brasil tenha sentido menos alguns efeitos. A questão do manejo do javali, quando se propõe que a caça seja dificultada, quíça abolida, por ser uma prática “medieval”, decorre da total insanidade ou do interesse na criação de uma crise alimentar acompanhada de fragilização do cidadão do campo para reagir ao que grupos que expropriam terras em nome da revolução, [muitas vezes com armas ilícitas](#).

Se a intenção dos revolucionários é aumentar o caos para que os cidadãos de bem, que eles ensinam seus vassallos a desprezar, possam reagir, bem como, escravizar através da imposição da condição do mínimo existencial, no qual o indivíduo deverá ser grato pela renda básica oferecida por poderosos que se regozijam no luxo, querendo cada vez mais poder e prestígio. A praga do javali é a arma ideal para que tal plano se concretize, uma vez que, trará fome, seca, danos ambientais, desarmamento e, por fim, a dependência em relação ao Estado.

Os verdadeiros cérebros revolucionários não são descrentes que buscam fazer do mundo seu paraíso, mas demônios que pretendem reinar no inferno. Se nada fizermos, morreremos como Adônis, lutando contra uma besta enviada por um tirano maior.

Devemos, em primeiro lugar, conservar a nossa bondade, sem, contudo, permitir que os que não pretendem fazer o bem, possam destruir tudo aquilo que serve de espora a humanidade. Lembrando que as trevas nada mais são que a ausência de luz.

“Por isso se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper”.

Santo Agostinho, Confissões (São Paulo: Nova Cultural, 2004)

Sobre o indivíduo e o Estado



Fonte da imagem: <https://www.facebook.com/terraplantaorganicos/photos/a.2035993829808425/2035996609808147/?type=3>

As linhas escritas neste texto tem o objetivo de trazer ao público em geral um resgate sobre o verdadeiro conceito de indivíduo e Estado; nesse caso, usaremos como referência o filósofo Platão, extraindo conteúdos de sua obra “A República” e também contaremos com o auxílio dos comentários do filósofo espanhol Julián Marías.

No lugar dos termos de indivíduo e estado que são fundamentados em Platão, usaremos termos mais populares como o homem e a cidade.

Evidentemente, o conceito de cidade na Grécia antiga não chega nem perto do que se imagina hoje, porém vamos buscar trazer a ideia que havia se fixado na época, em que a educação formava cidadãos capazes de se individualizar (que no caso significava, sair do meio da massa).

Para se ter uma ideia, Platão, mostra que o estado que ele representava era constituído de cinco tipos de homens:

Os de Ouro, os de prata, os de ferro, os de bronze e os de barro.

Edson Araujo

Esse último tipo citado é o que vamos nos fixar para apresentar nossa reflexão; sobre os outros tipos falaremos em outra oportunidade.

Porque preferi escrever sobre “homens de barro” e não dos outros, como os de ouro, pois parecem ser mais importantes que os de barro.

Acontece que se temos os homens de ouro, prata, cobre e ferro, nossos problemas estariam resolvidos e vale lembrar que estes mesmos outrora foram homens de barro e muitos sequer sabem que se enquadram neste último tipo.

Os homens de barro podem nesse momento ser comparados às párias ou os sem castas do oriente.

Para simplificar nosso entendimento, os citaremos como os homens que não descobriram sua vocação e sem a reconhecerem, são presas fáceis para todo o tipo de fantasias ideológicas, religiosas, científicas e até artísticas.

Por isso quero trazer uma explanação sintética e básica, longe do intelectualismo exposto em outros conteúdos, pois o objetivo é refletir e praticar o que se depreende do texto.

Focarei no conceito de homem de barro, pois fica claro que se forem a maioria estaremos cada vez mais distante de um estado ideal para dirigir a sociedade (quero pontuar que no caso de Platão, o estado não está apenas fora do homem, mas sobretudo, dentro dele.)

Pessoas sem vocação não tem qualquer poder para contribuir com a sociedade, pois é dando a contribuição consciente que um vocacionado eleva-se a si mesmo e por fim toda a sociedade a também descobrir sua vocação que uma vez descoberta permite que o cidadão tenha uma direção e um sentido, tornando-se inabalável e incorruptível diante dos convites que o querem levar pra longe do seu propósito, ou seja, para longe de si mesmo.

Um homem vocacionado gasta toda sua energia em pôr em prática sua vocação pois é ali que ele se realiza e realização é o que todos buscam, realização é sinônimo de felicidade.

O sol se realiza cumprindo sua vocação, as plantas, os animais, enfim, se realizam em suas respectivas vocações e veja: quem pode impedir o sol de dar sua luz e seu calor?

Quem pode impedir a natureza de se recompor?

Quem pode impedir que os animais manifestem seus instintos?

A resposta é, ninguém. Pois eles fazem o que nasceram para fazer; a diferença é que eles não tem escolha e por isso cumprem seu papel sem pensar, sem dúvida e essa condição lhes dá todo esse poder.

No caso do ser humano, lhe cabe o papel de escolher, mas quem nos ensina a fazer boas escolhas?

Concordamos que uma pessoa que sabe fazer as escolhas certas é uma pessoa independente e individualizada, com ideias próprias.

Edson Araujo

O que nos permite aprender a fazer boas escolhas é a educação, pois é ela que potencializa nossa inteligência e pessoas inteligentes são pessoas que têm construídas suas próprias colunas.

Agora quero propor uma pequena reflexão baseada na ideia de indivíduo, e início com a seguinte pergunta: As pessoas descritas neste texto são comuns nos dias de hoje?

Se não, fica claro que a educação não tem cumprido seu propósito ou sequer está presente.

Se assim é, fica claro que todos os fundamentos da sociedade estão comprometidos.

Há solução?

Sim, há, mas não é simples, pois cabe a nós buscarmos saber qual nosso lugar na sociedade e nesse momento histórico, sobre estudo não retroceder e manter-se firme em duas posições como fizeram os grandes homens e mulheres do passado.

Ainda que o estado atual não promova tal educação que nos individualize, busquemos então em Deus seus preceitos.

Se tivermos uma sociedade que tenha sobre seus ombros, ainda que em pequeno porte o que nos manda o Cristo, já teremos um mundo infinitamente melhor.

Amor, respeito, dignidade, honestidade, fidelidade, enfim, qualquer uma dessas virtudes sendo praticada em um pequeno nível que seja, já nos deixa mais próximos do indivíduo e conseqüentemente do estado ideal, pois ser virtuoso é imprescindível a qualquer ser humano, pois esta é nossa vocação principal.

Como um exercício de vontade, Deus faço-lhes uma proposta: Que tal praticarmos ao menino uma virtude com consciência e alegria e depois de um tempo refletirmos sobre os resultados disso?

Eu mesmo quero me comprometer com a virtude da inteligência.



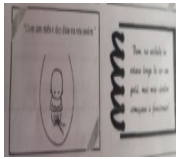


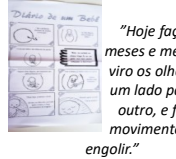
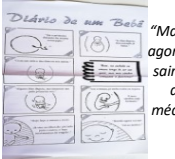


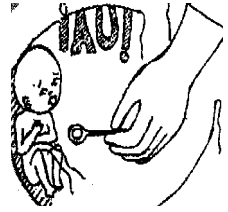
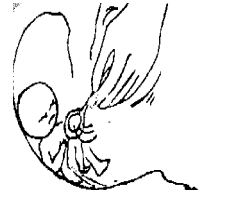


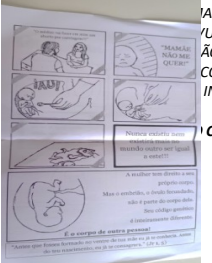
E você com o que se compromete nesse exercício?

Fica a reflexão.

Que Deus abençoe nossa jornada!.

Defesa da Vida

Evoluindo para um debate

 <p>"Eis o primeiro instante da minha concepção"</p>	 <p>"21 dias depois, meu coração já batia"</p>	 <p>"Com um mês e dez dias eu era assim"</p>	<p>Bem, na verdade estava longe de ser um galã, mas meu cérebro começava a funcionar!</p>	 <p>"Alguns dias depois, movimenteimei-me pela primeira vez"</p>
 <p>"Aos 2 meses, já tenho todos os órgãos. E meu cérebro está formado"</p>	 <p>"Hoje faço 2 meses e meio. Já viro os olhos de um lado para o outro, e faço movimentos de engolir."</p>	 <p>"Mamãe agora vai sair. Vai ao médico"</p>	 <p>"O médico fará um aborto por curetagem!!!"</p>	 <p>"MAMÃE NÃO ME QUER"</p>
			<p>NUNCA EXISTIU NEM EXISTIRÁ MAIS NO MUNDO OUTRO SER IGUAL A ESTE!!!</p>	
	 <p>A MULHER TEM DIREITO AO SEU PRÓPRIO CORPO. MAS O EMBRIÃO, O FETO FECUNDADO, NÃO É PARTE DELA. SEU CÓDIGO GENÉTICO É INTEIRAMENTE DIFERENTE. É O CORPO DE OUTRA PESSOA!!!</p>			

"Antes que fosses formado no ventre de tua mãe, eu já te conhecia. Antes do teu nascimento, eu já te consagrara." (Jr 1,5)

*Desenhos de autoria desconhecida

Definitivamente quando o ser humano deseja consegue ser muito cruel. É difícil de imaginar como alguém consegue ter tanto ódio pelo seu semelhante.

No artigo anterior falamos a respeito da defesa da vida no ventre. O aborto que voltou a ser rediscutido recentemente em Brasília é um ataque a vida ainda no início.

E embora alguns grupos queiram discutir quando começa a vida, não conheço nenhuma mulher que descobriu uma gravidez, mesmo que bem cedo, que ao passar por um aborto espontâneo, não tenha

Juliette Oliveira

chorado a perda como se fosse de um ente. Então, pergunto... Faz sentido, estipular uma data para o início da concepção?

Enquanto, algumas mulheres passam anos tentando realizar o sonho de ser mãe. Outras, querem lutar para se livrar de serem mãe. Repare aqui que não se trata de prevenir e evitar ser mãe. É algo totalmente diferente, é se livrar de ser mãe depois que já se é.

O mais estranho dessa discussão é que muito se fala sobre “meu corpo, minhas regras”. Mas pouco se fala sobre estímulos sexuais precoce ou sobre evitar doenças sexuais, que aliás, podem trazer muito sofrimento e levar até a morte. Uma gravidez é o menor dos problemas. Existem questões mais graves sobre o assunto que são ignoradas.

E aqui chegamos a um ponto crucial. O que é realmente defesa a vida humana? E qual o valor da vida humana?

O aborto é algo extremamente cruel. Mas atacar “algo que não se vê” pode ser a explicação para tanta falta de empatia. Dr. Bernard Nathanson, conhecido como “pai do aborto”, depois de ter realizado dezena de milhares de abortos nos Estados Unidos, ao se deparar com o surgimento do ultrassom mudou drasticamente de opinião.

O médico acreditava que um aborto realizado com as técnicas adequadas era algo benéfico para a saúde da mulher. Porém, isso mudou durante um procedimento em sua clínica. Enquanto, realizava um aborto por sucção, o médico decidiu acompanhar o procedimento pela primeira vez através do aparelho de ultrassonografia (tal aparelho não havia sido desenvolvido até momento). Para espanto do médico, o feto se debatia durante o procedimento e isso foi o ponto crucial para mudar todo o curso de sua vida.

“Pude comprovar que é um ser humano com todas as suas características. E se é uma pessoa, tem direito à vida.

Eu não creio, eu sei que a vida começa no momento da concepção e deve ser inviolável. É um ser humano, com todas as suas características”.

Contudo, quero lhe convidar para uma outra reflexão. Combater o aborto é dever de todo provida e certamente sua condenação é encarada por alguns grupos céticos como uma razão puramente religiosa, até mesmo como uma luta “contra crenças religiosas”.

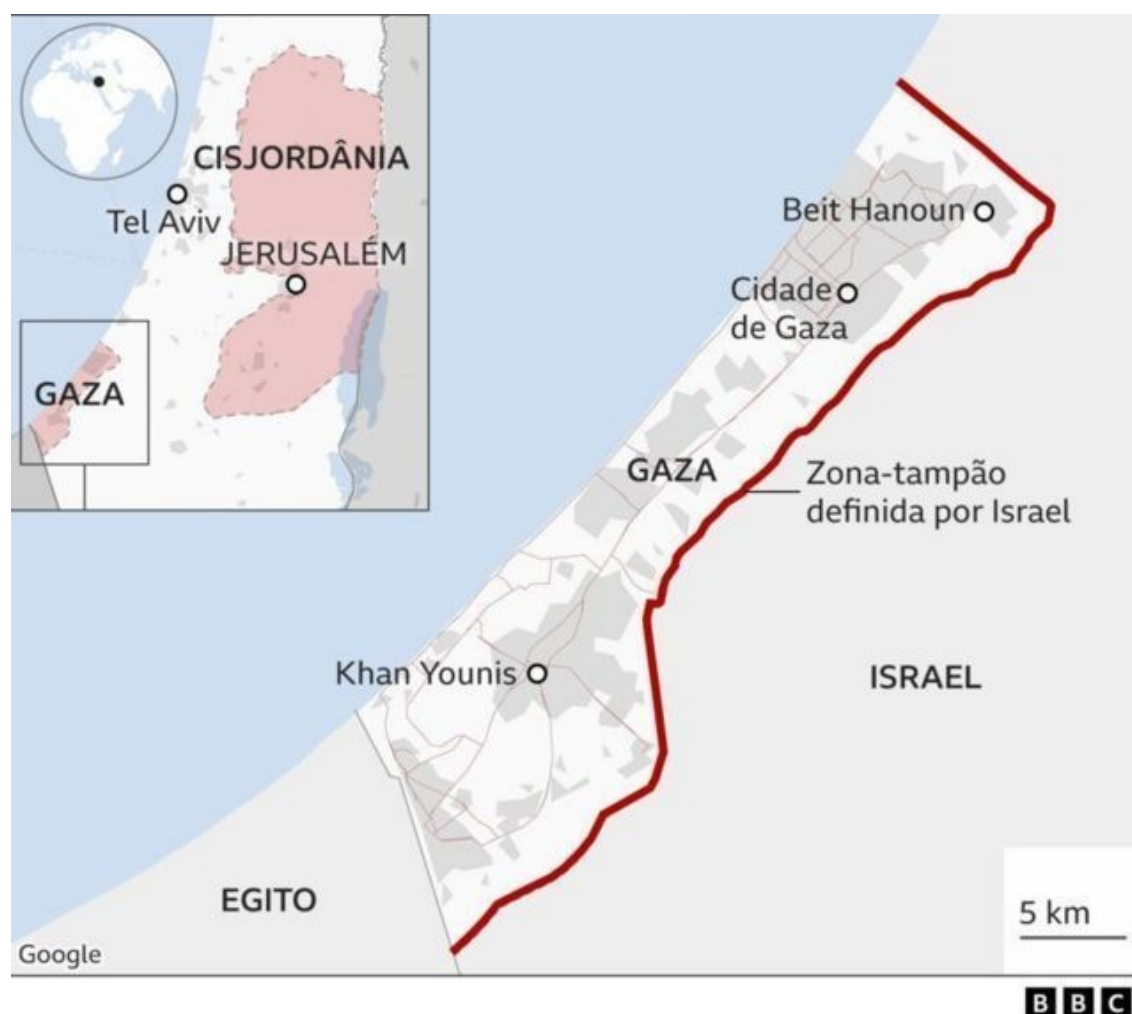
Por falar em “guerra religiosa” é impossível não fazermos um link com tudo que vem acontecendo em Israel. Religiosamente falando Israel é considerado bíblicamente como o povo escolhido por Deus.

Juliette Oliveira

Israel seria a nação em que viria o Messias e deveria ser uma nação de sacerdotes, profetas e missionários para o mundo. Sabemos que na prática o curso dessa história não está sendo bem assim.

Independente das motivações políticas para o atual cenário, o que sabemos é que a guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas registrou já mais de 5 mil mortes, 1400 israelenses e 4137 na Faixa de Gaza.

O atentado iniciado pelo Hamas começou matando pessoas inocentes, em sua maioria mulheres e crianças na faixa de 2 a 5 anos de idade, alguns relatos de militares afirmam que o grupo terrorista invadiu os apartamentos, matando as crianças na frente os pais em seguida os pais. Diante disto, a resposta de Israel ao atentado foi ainda mais devastadora.



Essa guerra, infelizmente, ainda está longe de acabar... Talvez, alguns estejam se perguntando se Deus é tão bom porque Deus permite tanto mal no mundo... A verdade é que Deus é bom, mas não é autoritário e nos deu a liberdade de fazermos nossas escolhas. A pergunta correta é, se o Criador nos fez tão perfeitos porque insistimos tanto em desviar do propósito da criação?

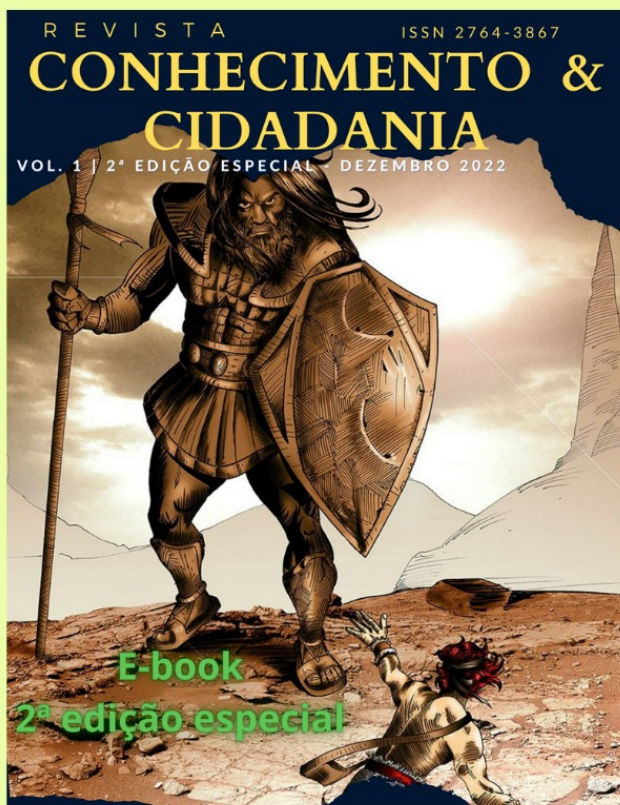
Juliette Oliveira

Em uma reflexão mais profunda, a defesa da vida em suas diferentes perspectivas pode parecer uma questão bastante complexa. Todavia, a sua defesa é um dever moral inquestionável, mesmo que alguns grupos interpretam como uma questão exclusivamente religiosa. No conflito em Israel, onde fatores religiosos e políticos se entrelaçam, podemos ressaltar que, apesar das expectativas religiosas em relação a Israel, a realidade atual é diferente, o que levanta questões sobre o papel da religião na geopolítica e suas consequências humanas.

Embora, Deus, seja reconhecido como bom, não interfere autoritariamente nas escolhas humanas, dando às pessoas o livre-arbítrio. Portanto, façamos essa imersão, voltemos par si, para que possamos assumir responsabilidades, ao invés, de apenas procurar “um culpado” para os desvios frequentes dos seres humanos para o propósito da criação. Que tenhamos a consciência de que a mudança começa em nós mesmos, buscando ser exemplo de moralidade, ética e responsabilidade individual.

Compre aqui: <https://www.direitonasescolas.com/livraria>

Revista Conhecimento & Cidadania



Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



www.direitonasescolas.com/livraria

Ativismo judicial



Fonte da imagem: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/justica-nos-tempos-modernos-a-igualdade-nao-e-para-todos/883407898>

A filosofia é pródiga em nos ajudar com conceitos, para que entendamos a realidade com maior clareza. Aliás, seu próprio nome tem origem etimológica nos termos gregos *filos* – amor e *sophia* – sabedoria. Amor pelo saber.

Pois bem. Os estudos de filosofia clássica nos trouxeram a visão de que o homem é um universo em si mesmo. Afinal, se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, ele desejou reproduzir o macrocosmo na figura de cada indivíduo, sendo cada um de nós um microcosmo, que reproduz o Universo.

O problema é quando cada um desses homens, quando investido de poder jurídico, resolve transformar-se em uma ilha de sabedoria, interpretando as leis e a constituição à sua maneira... A isso, damos o nome de ativismo judicial.

Imaginem vocês, então, que na data de hoje, um estudante aguerrido de Direito, lutando para passar em um concurso público, servir à sociedade, estuda os autores incensados pelos examinadores do concurso, devora leis e jurisprudência, deixando de lado seu juízo de valor pessoal, a fim de assimilar o máximo de informação possível, para ser aprovado...

Resultado: aprovação em um concurso da magistratura! Mas... uma vez empossado, esse juiz começa a compreender as coisas de outra maneira... agora, quando seria possível atuar com certa

Erika Figueiredo

independência e autonomia funcionais, ele decide fazer as próprias interpretações da lei e da constituição...

Dentro dos limites do que o legislador quis dizer, quando fez a lei – e a isso chama-se respeitar o originalismo das leis e sua textualidade, segundo o grande Antonin Scalia: não inovar, mas extrair o sentido do que quis dizer o legislador – o magistrado até poderia interpretar a lei, aplicando-a ao caso concreto que tenha em mãos.

Entretanto, ao estender o alcance da lei, extraíndo dela o que bem desejar, adequá-la aos seus entendimentos e torná-la elástica, diante do que entende que faltou ao legislador fazer, é justamente nessa hora, que nasce o ativismo judicial.

Mas vamos lá, explicando melhor o que eu quero dizer: se o nosso legislador, por exemplo, na Constituição Federal, ou seja, a Assembleia Constituinte, criada para formar o conteúdo da CF, disse, no artigo quinto, que é garantido o direito à vida, e que esse é indisponível.

Aliado a esse direito, temos o código penal, punindo em seus artigos 124 a 127 o crime de aborto, ou seja, a própria gestante, ou quem ajuda a gestante a realizar um aborto. Está claro para todos nós, que o aborto é um crime, certo? Tanto que é punido, pelo CP, e há o direito fundamental à vida, preservado lá pelo artigo 5º.

Porém, aquela pessoa que se tornou magistrado anteontem, passou a se considerar, como diz Thomas Sowell, uma intelectual ungida por Deus, praticamente uma monarca absolutista entronada, e resolveu que o direito à liberdade, ao “meu corpo, minhas regras”, é absoluto e superior ao direito à vida.

Dessa forma, se um caso desses de crime do artigo 124 cai em suas mãos, esse juiz entende que não há crime a punir, pois a gestante faz o que quiser com o próprio corpo. Mas e o direito à vida, daquele bebezinho que está no útero? Bem, esse será relativizado pelo direito à liberdade. Como assim? Ora, porque o juiz entende que os direitos fundamentais à vida e à liberdade são equivalentes!

Mas... esse ativismo judicial não começa no primeiro grau de jurisdição. Ele vem dos tribunais superiores, e em efeito cascata, começa a dominar todos os demais órgãos julgadores. Ao interpretar-se as leis, em defesa de pontos de vista próprios, sem avaliar a vontade do legislador, o julgador começa a ser um ativista, agindo em prol das próprias causas e opiniões, desfigurando o Direito e as leis.

Ah, mas o julgador está suprindo lacunas da lei, adequando-a à modernidade. Será? Caso o legislador desejasse o casamento gay, esse não estaria previsto em uma emenda à constituição federal? Caso desejasse permitir o aborto ou a legalização das drogas, também não? Isso não é uma lacuna da lei. Não foi da vontade do legislador regulamentar isso. E é preciso que os julgadores aceitem isso.

Erika Figueiredo

Em todo o mundo, temos visto o avanço de um neoconstitucionalismo. Mas o que seria isso? Seria uma interpretação da constituição à luz de princípios, que nos países que se dizem democráticos, sobretudo, estão em profusão, em suas constituições.

Alçando esses princípios à categoria de superiores às leis, os julgadores vão criando uma plasticidade, uma elasticidade para sua interpretação, que nada mais ficará de fora. Nenhuma lei terá o poder de barrar o avanço das decisões baseadas em princípios constitucionais.

Entretanto, o princípio constitucional não tem esse superpoder... ele precisa ser interpretado à luz da vontade do legislador, e não sobrepondo-se a esta. Mas por quê? Por um motivo muito simples: O legislador foi eleito pelo povo, para legislar. Foi-lhe concedido um mandato, para que ele crie leis que regulamentem a vida em sociedade.

O julgador não foi eleito. Ele ou prestou concurso, ou foi nomeado para seu cargo, que normalmente tem caráter vitalício, e não recebeu uma procuração da população, para que legislasse em seu nome. Logo, é absolutamente ilegal e fere de morte a tripartição de poderes, esse ativismo desenfreado que tem-se visto por aí.

E o que seria a JURISTOCRACIA? Bem, a juristocracia é um desdobramento do ativismo. Todas as vezes em que o Poder Judiciário, por meio de suas decisões e interpretações, à base da livre convicção de membros das cortes judiciais, a tendência é que esse poder vá, pouco a pouco, tornando-se preponderante sobre os demais poderes, gerando um desequilíbrio entre os três.

Porque se a função legislativa não lhe cabe, mas seus integrantes insistem em exercê-la, em pouco tempo esse Poder engolirá os demais. A isso dá-se o nome de Jusristocracia: um país governado pelas decisões judiciais, e não mais pelas leis do executivo e do legislativo.

Em ditaduras, como Venezuela e Cuba, bem como na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini, esse procedimento foi se instalando rapidamente, decidindo os juízes dos tribunais, de acordo com o desejo dos ditadores no poder, sob pena de serem todos destituídos de seus cargos.

Ao curvarem-se ao desejo dos governantes, adaptando a interpretação das leis ao que agrada ao regime, esses magistrados criaram uma predominância do poder judiciário, sobre os demais poderes, causando um desequilíbrio tão evidente, que os juízes de Hitler eram chamados de Juízes do Reich, muitos deles tendo sido presos e condenados após a queda do regime, tendo inclusive declarado, em seus julgamentos, que desconheciam a existência de campos de concentração em seu país.

Esse é um exemplo típico de juristocracia.

Mas o legislativo e o executivo não podem fazer nada? É evidente que sim. O legislador constitucional muniu os três poderes de remédios constitucionais eficazes, para que os abusos sejam coibidos.

Erika Figueiredo

Infelizmente, fica claro, observando-se a dinâmica de países em que a juristocracia se instalou, que é confortável, para os demais poderes, que o Judiciário dê as cartas. Muitas das vezes, há um acordo velado entre os chefes dos 3 poderes, que admitem essa predominância do judiciário, em troca de outras vantagens, sejam processos de corrupção arquivados, nomeações de pessoas duvidosas para tribunais superiores, com o aval da cúpula do judiciário, cassação de mandatos de personas non gratas para eles...

Onde a desfaçatez impera, a atuação criminosa se instala. E é por isso que temos visto um crescimento vertiginoso desse neoconstitucionalismo, que serve a interesses de poderosos.

Enquanto as universidades forem celeiro de ideologias e posicionamentos favoráveis ao neoconstitucionalismo, não conseguiremos criar operadores do Direito comprometidos com a lei, a ordem, a essência da Constituição (que, diga-se de passagem, a nossa também já nasceu comprometida).



A “polêmica” em não seguir os padrões feministas



Fonte da imagem: <https://lavoizdechile.com/feminismo-radical-de-america-latina-se-extiende-al-mundo/>

As feministas são verborrágicas ao disseminar o “*meu corpo, minhas regras*”, alegando que a mulher pode fazer o que quiser; mas na prática, não é bem assim, não. E aqui traremos mais um exemplo disso.

A cantora gospel *Fernanda Brum* (minha favorita, diga-se de passagem) foi a convidada do podcast da jornalista carioca *Isabelle Benito*, o “*Tá Benito*”. Entre os mais diversos assuntos, um foi colocado em pauta: fotos em redes sociais.

Benito, ao perguntar para Fernanda onde gostar de tirar férias, descobriu que a cantora costuma ir em Cancun, no México. Então, a jornalista disse: *Hummm, então teremos fotos de Fernnada Brum de biquini*”

Fernanda imediatamente respondeu: “*Não, senhora, nunca terás! Meu corpo é do meu marido. Não tem decote, não tem quadril de fora.*”

Bastou isso para que a hipocrisia da ala progressista da força viesse à baila; o jornal *Metrópoles* (esquerdista, of course) classificou esta declaração como “polêmica”. Oi?

Vivemos em tempos em que se resguardar é ser polêmica. Onde já se viu uma mulher mostrar seu corpo apenas para seu marido? Onde já se viu não postar foto de biquíni, com transparência, com caras e bocas? Onde já se viu uma mulher não ser objeto sexual de vários homens?

As filósofas feministas de segunda onda apregoavam que a mulher deveria ser livre sexualmente; *Betty Friedan*, *Simone de Beauvoir*, *Shullamit Firestone*, entre outras, retiraram à forceps o desejo da

Danielly Jesus

mulher de ser do seu marido e cuidar de sua vida, introduzindo no lugar a libertinagem e a maternidade irresponsável (com “produções independentes”), fazendo com que as mulheres se sentissem realizadas apenas se conseguissem reproduzir os “vícios masculinos”.

Exemplos disso na prática não faltam; não citarei nomes, mas observem as MCs do funk carioca. O que elas têm em comum? Todas apelam para a sexualidade exacerbada, inclusive com letras impróprias para menores de 30 anos (e digo isso sem exagero).

Agora vejamos: as mesmas pessoas que repetem este padrão e dizem “Você pode fazer o que quiser com seu corpo” são as mesmas que, vendo Fernanda Brum guardando seu corpo, a chamam de “*polêmica*”. Hipocrisia que chama?

Pessoas normais, com seus neurônios em perfeito estado de conservação diriam que sim, é hipocrisia. Porém, o feminismo prega exatamente a depravação e degradação da mulher. E posso demonstrar isso com outro exemplo recente.

Angélica, esposa do Luciano Huck, esteve no “PODelas”, podcast apresentado por Giovanna Ewbank (mulher de Bruno Gagliasso) e Fernanda Paes Leme. A garota do “Blue Jeans” (quem tem acima de 30 anos captou a referência) fez com bombo de tudo o que não presta e carimbou com o selo “*Tá liberado*”.

Vejamos o que ela disse: “*Estamos falando de sexo. E eu acho importante ter outras experiências, se conhecer.*”

Giovanna responde: “*Gostaria de ter transado muito mais*”

Angélica diz: “*Nunca é tarde*”

E completa: “*Eu acho que o Bruno (Gagliasso) deveria te dar um ‘vale night’*”

Por que este tipo de assunto não foi considerado “*polêmico*” pela mídia? Porque esta sociedade é depravada. A cura para isso está no Senhor Jesus.

“*Ah, mas o cristianismo oprime a mulher*”. Somente quem nunca leu a Bíblia repete tal mentira.

Quando Jesus ressuscitou, a primeira pessoa que o viu foi Maria Madalena, e ela incumbiu a tarefa de dar a notícia aos seus discípulos. Foram as mulheres que deram suporte ao Senhor Jesus durante seu ministério terreno. A apóstolo Paulo orientou os maridos:

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Efésios 5:25)

O que Paulo quis dizer foi: se for preciso, morra pela sua mulher!

Contudo, as ideologias progressistas reduzem a mulher a um mero pedaço de carne disponível no “*açougue virtual*”, cujo preço são likes e comentários abjetos; a cegueira moral é latente. Mas, ainda há esperança para quem decide não se guiar pelas vozes dos ditos “*formadores de opinião*”.

Eu sou o Brasil de 143 milhões de votos!



Eu, o Brasil sou representado por mais de 203 milhões de brasileiros, e não apenas por 60 milhões. Vocês estão deixando de ouvir a maioria, mais de 143 milhões de brasileiros!

LEMBRAM?! “O poder emana do povo, que será exercido através de seus representantes eleitos.”

“Serão os 3 Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, independentes e harmônicos entre si sempre em busca da ordem e progresso, defendendo o Estado Democrático de Direito e garantindo a segurança jurídica e o bem estar comum, o desenvolvimento do país e a sustentabilidade do sistema para que seja possível nosso funcionamento”.

Mas, contudo, porém, todavia...considerando que por ser um sistema formado por homens, é passível de erros, falhas e má-fé, portanto, a solução para que **NENHUM PODER SEJA ABSOLUTO POR AQUI, POIS TEMOS UMA DEMOCRACIA E QUEREMOS MANTÊ-LA**, atribuímos uma exceção que foi a possibilidade de utilização das Forças Armadas em caso de desarmonia dos três Poderes.

Considerando que as Forças Armadas são apartidárias e seu compromisso é com o povo, com o país, com a ordem e paz, seja interna ou externa, sua atuação independe de sua vontade, mas advém de uma obrigação, de um compromisso assumido por cada membro das Forças quando fizera seu juramento.

Dahiana Moraes

Diante de irregularidades e abusos em relação ao Estado Democrático de Direito é de suma importância que nossos membros saibam o seu papel.

O Poder Judiciário, mais especificamente o Supremo Tribunal Federal **que não foi eleito pelo povo**, deveria restringir-se ao limite de suas atribuições principais ou típicas, mas ao contrário, passou de forma ostensiva a tratar o povo como inimigo e a contrariar a carta magna!

As Forças Armadas dizem ser apartidárias mas foram através de seus membros expressar de forma valorada e parcial, apoio a um partido, ignorando a Carta Magna e seu povo, seu país, EU, O BRASIL!

*******OS PODERES JUDICIÁRIO E EXECUTIVO UNIRAM-SE EM PROL DE ANIQUILAR O PODER LEGISLATIVO...quando vão entender isso? *******

AFIRMO POR MINHA LEITURA QUE, UMA NOVA CONSTITUIÇÃO HÁ DE ESTAR PRONTA, SOMENTE AGUARDANDO O MOMENTO DE SER PUBLICADA EXTINGUINDO O PODER LEGISLATIVO, RETIRANDO PODERES DAS FORÇAS ARMADAS E DAS POLÍCIAS PARA QUE SEJAM MÍNIMOS OS OBSTÁCULOS FRENTE À TOMADA ABSOLUTA DE PODER.

Assim como o Legislativo e Partidos Políticos seriam eliminados de forma estratégica por questões orçamentárias, deixando de financiar todo o sistema político e parlamentar do Brasil, representando uma “economia” que levaria para o Executivo cifras exponenciais e a aniquilação de entraves burocráticos para o êxito dos planos da Esquerda Comunista, abrindo caminho para a criação e destinação de qualquer medida e orçamento.

Pra vocês? Ah, o amor pago com o ódio. Aquele mesmo que a Esquerda vem tratando inocentes.

Ei Centrão, vocês serão os primeiros na lista do ódio.

O povo está dominado pelo medo, pela insegurança, pelo desrespeito, pela falta de hombridade de seus homens, pela mídia que engana, pela lei que cala, pelo ladrão que lhes roubam a paz e sua dignidade. O povo não tem a quem recorrer.

A única solução que EU BRASIL ainda vislumbro PARA MEU POVO JÁ TÃO INJUSTIÇADO É VOCÊ PARLAMENTAR ACORDAR E OUVIR O POVO DE BEM!

O meu povo não elegeu os membros do STF, que passou a atuar contra a Constituição e contra o próprio povo, dando o pior dos exemplos, o que não causa espanto tal prática ser replicada inclusive com traços de covardia e indiferença.

O modo como o Supremo é escolhido não funciona no meu país que foi dominado pela corrupção e não deve prosperar, isso deve ser mudado imediatamente.

Dahiana Moraes

São 11 Ministros unidos, MAS EU SOU O BRASIL! JUNTOS, SOMOS MAIS DE 143 MILHÕES DE BRASILEIROS QUE NÃO ACEITAMOS AS POLÍTICAS DO ATUAL GOVERNO.

Temos um Presidente que age como um filho pródigo, gasta descontroladamente e irresponsavelmente como se não existisse o amanhã, como se ele fosse trilionário, como se o dinheiro fosse dele, como se ele não tivesse qualquer obrigação oriunda do cargo, como se ele não precisasse prestar contas, como se ele fosse um rico qualquer, mas ele é o Presidente e possui RESPONSABILIDADES E COMPROMISSO E **O DINHEIRO É DO POVO!**

Ora, um senhor de 77 anos, com comportamentos desconexos E INCOMPATÍVEIS COM A FUNÇÃO DE UM PRESIDENTE DO BRASIL QUE DEVE GOVERNAR PARA MAIS DE 203 MILHÕES DE CIDADÃOS. Um homem em sua posição, com sua responsabilidade e que, já percebeu que não existe limitação aos seus devaneios e agrava a cada dia mais o triste e real caminho da minha terra, do meu povo à ruína.

CHEGA! Não queremos uma ditadura, tampouco o comunismo, assim como não admitimos uma ministra decidir por milhões de vida, ministros decidirem pela propriedade privada, ministros decidirem pela prisão de inocentes sem o respeito ao devido processo legal e à ampla defesa, ministros apagarem provas da cena de um crime! PARLAMENTARES LEIAM:

Art. 51. Compete **privativamente à Câmara dos Deputados:**

I – autorizar, por dois terços de seus membros, a instauração de processo contra o Presidente e o Vice-Presidente da República e os Ministros de Estado;

(...);

Art. 52. **Compete privativamente ao Senado Federal:**

I – processar e julgar o Presidente e o Vice-Presidente da República nos crimes de responsabilidade, bem como os Ministros de Estado e os Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica nos crimes da mesma natureza conexos com aqueles;

II processar e julgar os Ministros do Supremo Tribunal Federal, os membros do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho Nacional do Ministério Público, o Procurador-Geral da República e o Advogado-Geral da União nos crimes de responsabilidade;

O QUE ESTÃO ESPERANDO? TIRAREM VOSSO PODER? Eles irão reaver cada centavo dado em emenda..., a não ser que VOCÊS CUMPRAM COM VOSSA OBRIGAÇÃO!

Dahiana Moraes

SÃO MAIS DE 143 MILHÕES DE VIDAS BRASILEIRAS MANIFESTANDO COMO PODEM PELO MEDO DE INJUSTIÇAS E PERSEGUIÇÕES, DEMONSTRANDO SUA TOTAL INCONFORMIDADE COM TODO O CENÁRIO BRASILEIRO!

O 08 de janeiro foi comprovadamente um Flagrante Forjado/ Preparado para dar aparência de legitimidade ao atual governo, calando o povo, omitindo e destruindo provas, impedindo a livre e pacífica manifestação pois, a Esquerda Comunista com o apoio e conivência das FA calaram o povo. As manifestações iriam continuar. Dessa forma, talvez de outro cenário tenha surgido a ideia inspiradora trazendo a grande oportunidade de tornar o governo uma vítima da sociedade: **O INCÊNDIO DE REISCHTAG NA ALEMANHA**, procurem sobre o tema.

SENADORES E DEPUTADOS, A HORA É AGORA.

OU VOCÊS AGEM DA FORMA MAIS GRAVOSA QUE É A UTILIZAÇÃO DOS ARTIGOS 51 E 52 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL OU PERECEREMOS JUNTOS, INCLUSIVE OS SENHORES, POR VOSSA CULPA.

ESTAMOS ASSISTINDO O VOSSO DESCOMPROMISSO COM A NAÇÃO.

TRABALHEM OU “PERDERÃO EM BREVE ATÉ SUAS CALÇAS SE DEPENDER DO AMOR DA ESQUERDA”, E DA DIREITA CASO ISSO MÃO ACONTEÇA, PERDERÃO A CONFIANÇA DEPOSITADA E OS VOTOS.

CUMPRAM COM VOSSA OBRIGAÇÃO OU O POVO IRÁ TIRAR UM A UM.

VOCÊS ESTÃO SENDO VIGIADOS POR MAIS DE 143 MILHÕES DE BRASILEIROS.

ESTAMOS ACOMPANHANDO NOME A NOME, PROJETO A PROJETO, VOTO A VOTO.

NINGUÉM ESTÁ IMUNE À INJUSTIÇAS, UM DIA ELA TE ALCANÇA.

A NÃO SER QUE OS SENHORES AJAM AGORA.

JUNTOS, SOMOS MILHÕES DE BRASILEIROS EM PROL DE UMA SÓ VONTADE:

MUDANÇA E JUSTIÇA.

ASSINADO: BRASIL DE MILHÕES.



O antissemitismo e os erros da cristandade

Fonte da imagem: https://brasil.eipais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html



“Não que a Palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas” (Romanos 9:6)

Em algum momento da história, parte dos religiosos da cristandade começou a atacar os judeus com o argumento de que eles mataram Jesus. Isso criou um imbróglio histórico de proporções inimagináveis, que serviu de matéria-prima para a criação de dezenas de teorias absurdas e teses psicóticas que tinham - e ainda tem - como pano de fundo jogar o mundo contra o povo que Deus escolheu para revelar seu plano de salvação para a humanidade.

Isso poderia ter sido resolvido com uma leitura dos primeiros “pais” da igreja. Falo os PRIMEIROS, mesmo, e não os mais famosos, como Tertuliano, Orígenes, Justino ou Agostinho. Mas os dos dois primeiros séculos, como Clemente, Taciano, Atenágoras e Teófilo de Antioquia. Em nenhum desses apologistas há sequer uma linha que sugira a acusação que passou a ser perpetrada a partir do século V. E isso deveria parecer óbvio: o surgimento, dentro da cristandade instituída, de um movimento para separar o verdadeiro cristianismo de suas raízes invariavelmente judaicas. Os motivos são tantos que não caberiam em somente uma postagem. Mas são de ordem teológica, eclesiástica, geopolítica, econômica e, principalmente, espiritual. Basta comparar o modo como Jesus Cristo exercia sua fé, o que

Neto Curvina

veio depois dos Evangelhos, nos demais 23 livros do Novo Testamento, e a prática cristã dos fiéis dos dois primeiros séculos, com o que se tornou o cristianismo depois disso.

Jesus Cristo deixou uma igreja com 120 pessoas reunidas em um cenáculo, orando. E certamente muitos outros seguidores que preferiram a discrição e o anonimato, como, por exemplo, José de Arimateia e o Centurião de Cafarnaum. Ele nunca negou sua raça, sua nacionalidade ou sua confiança em "Moisés e os profetas" (Lucas 16:29). Nunca propôs fechar as sinagogas ou acabar com as orações que eram feitas no Templo. Não foram os JUDEUS que mataram Jesus, mas sim os nossos pecados, porque essa era a missão dele desde o dia em que deixou os céus.

Mas mesmo que essa explicação não convença, é só ler as Escrituras e deixar de tomar em separado João 1:11, "Veio para o que era seu, e o seus não o receberam" e fazer disso uma espécie de doutrina universalista descontextualizada. É fácil explicar:

Ele sabia ou não que isso aconteceria? A resposta é óbvia. E sabem por que isso está registrado assim na Bíblia, exatamente desta forma? Para confirmar o cumprimento de profecias dadas ainda no Antigo Testamento, onde Deus revelava que em um dado momento abriria uma "porta" para salvar um povo que não era Israel, seu primogênito.

Esse "os seus" se refere a quem? Certamente que não é à Maria, à Madalena, aos seus discípulos, seguidores e convertidos. Já deu uma lida em João 7:5? Vai lá, pode ser revelador. Mas ainda assim temos uma situação até certo ponto previsível nas Escrituras: Deus quase sempre não está do lado da maioria. Foi assim na época de Ninrode, de Noé, de Moisés, de Daniel, de Jeremias... Sempre foi assim, porque "o mundo inteiro jaz no maligno" (I João 5:19). Sabe aquele ditado que diz que "a voz do povo é a voz de Deus"? É falso. E acabou servido de pretexto para o estabelecimento de formas de governo falsas e diabólicas.

Os agentes da morte de Jesus foram dois: a elite fundamentalista de Israel (em especial os fariseus), mergulhada naquele momento em corrupção, e o poder ditatorial de Roma, com quem se relacionava de forma pouco ortodoxa. Ambos viram em Yeshua uma ameaça ao seu status quo e resolveram eliminar a ameaça da forma mais sórdida possível. São deles que o texto abaixo fala. Eram de Israel, mas não eram verdadeiramente israelitas. Jesus os chamou de filhos do diabo (João 8:44). Não foram "OS JUDEUS" que mataram Jesus. Isso é de uma construção absolutamente desonesta.

Os "demônios da história" viram aí uma deixa para manipular a narrativa em proveito próprio e criaram o maior espantinho teológico da história: os judeus são maus porque mataram Jesus. E daí se percebe o que na verdade eles queriam fazer. Basta dar uma volta em Jerusalém para ver, in loco, quem são as forças que fatiam a cidade e os principais locais de culto e peregrinação para lucrar com isso. Está lá, ao vivo e a cores. O que Roma tem a ver com Jerusalém?

Neto Curvina

A farsa antisemita foi tão bem costurada que podemos ver suas pegadas até na Reforma Protestante, basta procurar os textos pouco elogiosos que Lutero escreveu sobre os judeus, e que acabaram influenciando várias gerações no Velho Continente. Farsa que alimentou documentos criminosos como "Os Protocolos dos Sábios de Sião" e as trocentas mentiras contadas sobre Israel desde o final do século XIX, e que culminaram no Holocausto, construído sobre os argumentos diabólicos de Hitler e expostos sem nenhuma cerimônia na sua obra "Mein Kampf" (Minha Luta, escrita no início dos anos 20, e que ataca ferozmente os judeus alemães, fossem eles imigrantes ou não. É dessa época que se consolida o mito do judeu narigudo, de expressão maligna, sempre esfregando as mãos à procura de lucro, tal qual uma sombra caricaturada do personagem Emmanuel Goldstein, o "Inimigo do Povo" de "1984" de Orwell, que era usado pelo Partido para provocar e alimentar o ódio de seus comandados.

O problema é que nada disso mudará o plano do Eterno

Israel continuará sendo a "oliveira original" (Romanos 11) e os cristãos salvos no judeu Yeshua, os ramos enxertados nela, porque nunca foi aspiração do Evangelho se separar ou ser hostil às suas raízes, como observa o apóstolo Paulo em Efésios 2:14-15. Dá uma lida. As resposta para as coisas de Deus estão em sua Palavra. E somente nela.

E antes que eu me esqueça: **“Orai pela paz de Jerusalém; prosperarão aqueles que te amam”** (Salmo 122:6).

Site: <https://www.direitonasescolas.com/livraria>

The advertisement is set against a dark blue background. At the top left is the logo for MENEZES COSTA, featuring a scale of justice and the tagline "COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA". To the right, the text "Livraria Curso Menezes Costa" is displayed in large, white, sans-serif font. Below the logo, there are three main visual elements: 1) The cover of the journal "CONHECIMENTO & CIDADANIA" (Vol. 1 | 2ª Edição Especial - Dezembro 2022), which features a detailed illustration of a warrior in a desert landscape. 2) A stack of several issues of the journal, with the text "Edição especial" overlaid in green. 3) The cover of the book "Direito nas Escolas" (Volume 1), which has a green background and features a scale of justice and the text "Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio".

¡VIVA LA REVOLUCION!

Continuação



Retomaremos agora [nossa análise](#) e comparação da visão de Karl Marx sobre o processo revolucionário industrial e a realidade. A visão de Marx estava essencialmente corrompida pelos dados, o espaço e o período histórico limitado que ele abordava. Corroborando esta ideia, lançaremos nosso olhar sobre o ponto de vista de outro pensador, Max Weber. Este pensador trouxe uma perspectiva inovadora ao questionar a visão de Marx sobre a luta de classes em movimentos sociais. Ele enfatizou que, embora os contextos históricos possam ser semelhantes, sua abordagem única da sociedade estava intrinsecamente ligada ao seu desenvolvimento acadêmico.

Weber desenvolveu uma visão abrangente da sociedade, argumentando que os valores compartilhados desempenhavam um papel fundamental na formação dos laços sociais, mesmo antes da configuração de modos de produção. Para ele, a expressão material estava enraizada nas ideias compartilhadas pelos membros de uma sociedade.

O pensamento de Max Weber destacava os eventos culturais como singularidades que requeriam estudo individual, evitando generalizações que extrapolassem quadros históricos específicos. Ele alertou que os cientistas sociais não devem impor julgamentos baseados em valores de sua própria época ou ideologia sobre um objeto de estudo.

Weber enfatizou que o papel do cientista social é compreender os eventos sociais, não julgá-los. Portanto, é crucial que o pesquisador revele seu ponto de vista e orientação ao estudar um objeto, pois não existem leis sociais atemporais que regulem todas as sociedades.

Maurício Motta

Nesse contexto, Weber rejeitou a ideia de que a ciência social pode reduzir a realidade empírica a leis universais. Ele argumentou que a objetividade no estudo da sociedade deriva da compreensão profunda dos valores afirmados e sua sistematização, focando em uma análise metódica das peculiaridades históricas.

Assim, não apenas buscando uma visão mais abrangente, mas refletindo sobre as mudanças que frequentemente são observáveis no espaço e ao longo do tempo, assim como sobre os efeitos de cada cultura no resultado dos movimentos socioeconômicos, Marx teria concluído que não apenas o consumo melhorou as condições de vida das pessoas, mas também houve um notável avanço no conhecimento científico durante o período da Revolução Industrial inglesa.

Descobriu-se, por exemplo, que práticas de higiene e saneamento eram eficazes na prevenção de doenças, levando à redução das epidemias e mesmo ao fim das terríveis pestes que assolavam a humanidade anteriormente. Profissões como médico, cientista, jornalista, engenheiro, advogado e arquiteto proliferaram com o desenvolvimento científico do período que, numa espécie de “simbiose” com a industrialização, trouxe benefícios para ambos os lados.

A Era da Revolução Industrial também testemunhou um florescimento das artes e das ciências. Tal florescimento teve precedentes durante o período do Renascimento cultural e artístico dos séculos XIV a XVI que, não por coincidência, também foi impulsionado pelo fluxo maior de riquezas obtidas pela expansão comercial e marítima daquele período.

Pela primeira vez na história, algumas nações experimentaram uma verdadeira prosperidade. Antes disso, as riquezas conquistadas eram geralmente monopolizadas por chefes de estado e líderes militares. Com a ascensão do capitalismo, a população em geral passou a compartilhar os benefícios da riqueza. É importante observar que muitos não conseguiram enriquecer e permaneceram em condições semelhantes às que a maioria da população vivia antes do capitalismo. No entanto, foi graças à Revolução Industrial e ao aumento dos salários que a Europa Ocidental conseguiu erradicar o trabalho infantil no século XIX.

Esse enriquecimento da população permitiu que famílias enviassem seus filhos para universidades, o que, por sua vez, impulsionou os estudos científicos e o desenvolvimento das ciências como nunca antes na história. Não é coincidência que os maiores cientistas e inventores da época fossem frequentemente britânicos, muitos deles filhos de burgueses que prosperaram durante a Revolução Industrial. Um exemplo notável é James Watt, criador da máquina a vapor em 1765, que era filho de um engenheiro rico. Seu sócio, Matthew Bolton, que inventou a locomotiva a vapor em 1804, era filho de um pequeno fabricante de peças de metal. Charles Darwin, neto de um industrial cerâmico e filho de um médico rico, também se destacou. Edward Jenner, embora viesse de uma família pobre, teve a

Maurício Motta

oportunidade de trabalhar como aprendiz de um médico aos 14 anos, o que o encaminhou para uma carreira notável.

Edward Jenner, por exemplo, é um exemplo notável desse progresso. Aos 21 anos, já havia se tornado médico e, aos 25, fundou uma associação dedicada à pesquisa médica. Em 1796, Jenner fez história ao criar a primeira vacina do mundo, que visava proteger contra a varíola. Se não fosse pelo surgimento da burguesia e a prosperidade que ela trouxe, a ciência não teria avançado tão rapidamente.

A Revolução Industrial, embora tenha chegado mais tarde à França por volta de 1840, logo foi seguida por conquistas científicas notáveis. Em 1885, Louis Pasteur, filho de um fabricante de couro, desenvolveu uma vacina contra o cólera. Na Alemanha, onde a Revolução Industrial se estabeleceu por volta de 1850, a década de 1870 testemunhou o surgimento de uma indústria farmacêutica robusta.

Não é por acaso que os principais químicos que contribuíram para o avanço científico da época eram frequentemente ingleses, franceses e alemães. Enquanto esses progressos aconteciam, Karl Marx tentava mobilizar os trabalhadores para uma revolução com o objetivo de derrubar o capitalismo. No entanto, ele não conseguiu atrair muitos operários para sua causa, pois muitos deles percebiam que a situação das classes trabalhadoras não estava se deteriorando, pelo contrário, em geral melhorava.

Numa tentativa patética de tentar justificar seu fracasso em conquistar a classe operária, Marx alegou que os trabalhadores estavam sendo iludidos pela ideologia burguesa e careciam de consciência de classe. No entanto, alguns argumentam que Marx, ele próprio estava tentando iludir os trabalhadores. Em sua obra "O Capital", ele analisou principalmente indústrias menores, em más condições ou antiquadas, retratando-as como representativas do capitalismo, a fim de denunciar as péssimas condições de trabalho e os baixos salários. Nessas indústrias, as condições eram de fato precárias, mas isso se devia à falta de capital dos empresários para investir em máquinas e melhorar as condições de trabalho dos operários.

É notável que Marx tenha criticado maquinários mais avançados, argumentando que eles diminuiriam o trabalho dos operários e, conseqüentemente, reduziriam seus ganhos. No entanto, na prática, as melhores remunerações eram frequentemente encontradas nas grandes indústrias, onde as máquinas possuíam melhores condições tecnológicas. Além disso, a maioria das fábricas ultrapassadas citadas por Marx eram clandestinas e atuavam sem as devidas licenças. Marx usou os clamores de abuso contra os trabalhadores das indústrias clandestinas como se fossem representativas de toda a Revolução que se encontrava em curso.

Exemplos como aqueles, que eram casos isolados de exploração e abuso, foram apresentados por Marx como se fossem o padrão de toda a Revolução Industrial. Essa manipulação de informações era necessária para sustentar sua tese. De acordo com o historiador inglês Paul Johnson em sua obra Os

Maurício Motta

Intelectuais, Marx não estava disposto a realizar pesquisas de campo por conta própria e, portanto, distorceu sua principal fonte de informação para não abandonar sua narrativa.

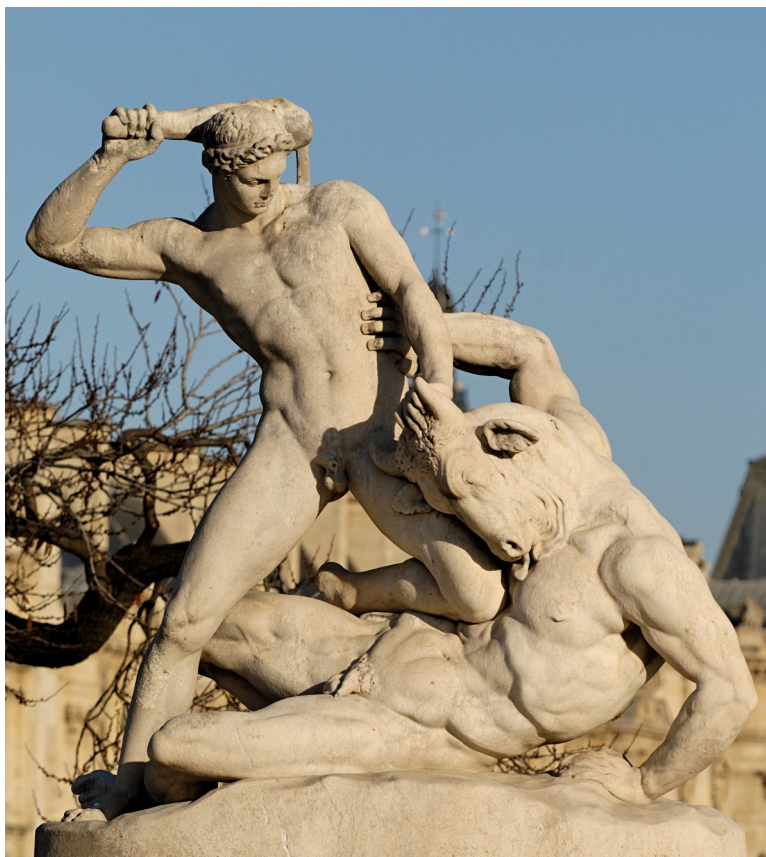
Uma leitura atenta de “O Capital” revela uma incapacidade inata de Marx em compreender plenamente o capitalismo. O livro é criticado por sua falta de honestidade estrutural e por fracassar em adotar uma abordagem verdadeiramente científica. A obra reflete uma desconsideração pela verdade e pela realidade.

Paul Johnson chega à conclusão de que chamar o socialismo de Marx de “científico” beira o absurdo. Além disso, é notável que os estudantes nas escolas e universidades continuem aprendendo que a Revolução Industrial tenha sido um período miserável da história da humanidade, quando, na verdade, esse período trouxe avanços significativos em termos de qualidade de vida e desenvolvimento científico.

Postos todos estes elementos sobre a mesa fria da realidade, da observação isenta de partidarismos ou enviesada por ideologias que vivem no útero das teorias, mas que se tornam em estruturas natimortas ao menor contato com a luz da realidade, concluímos que Marx falhou miseravelmente. A Revolução Industrial fez jus ao título e, como revolução, foi a quebra do paradigma histórico e social dos povos da antiguidade.

Para resistir à prova do tempo, uma ideologia precisa ser experimentada e seus resultados quantificados e qualificados. A Revolução Industrial e seus métodos de produção não estão enquadradas como ideologias, mas como elementos palpáveis por seus resultados. Quanto à visão marxista, a aplicação de sua ideologia, seus métodos e resultados, estes são amplamente conhecidos e igualmente palpáveis. Os tais que renegam a realidade e defendem ideologias fantasiosas, podem ser divididos em três grupos: os que estão se beneficiando do engano de muitos; os que esperam se beneficiar em algum momento daquele engano ou; os que são enganados, os quais poderíamos chamar de “idiotas úteis”. ¡Viva La Revolucion! (industrial).

Israel e o labirinto



Fonte da imagem: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teseu>

O Rei Minos, da ilha de Creta, ascendeu ao trono após ter feito um pacto com o deus dos mares, Poseidon, no qual, sacrificaria o seu melhor touro à divindade. Ao assumir o poder, encantado pela beleza do grande touro branco, Minos sacrifica outro animal, acreditando que Poseidon não perceberia a diferença.

Ao saber o que o Rei de Creta fizera, o senhor dos mares elaborou uma terrível vingança, fazendo com que a Rainha Pasífae, filha do titã Hélio com a oceânide Perse e esposa de Minos, se apaixonasse pelo touro branco cujo monarca se negara a oferecer em sacrifício. Da relação entre Pasífae e o touro nasceu o Minotauro, nome que se traduz como touro de Minos, um ser com corpo de homem e cabeça de touro, uma besta a qual o Rei de Creta, temendo talvez uma vingança ainda maior, decidiu não sacrificar. Não matar o Minotauro também pode ter sido uma forma que Minos encontrou de cumprir a penitência estabelecida por Poseidon, aceitando assim a pena imposta pelo Deus.

Minos, acatando a punição imposta ou temendo destruir a besta, pede ao inventor Dédalo que crie um labirinto do qual o Minotauro seja incapaz de sair, tal estrutura foi construída no subsolo do palácio de Minos e impedia que a fera atormentasse o povo de Creta. O reino de Creta se envolvia em uma guerra

Leandro Costa

contra Atenas, sagrando-se como vencedor, entretanto, os atenienses feriram o filho de Mino, Androgeu, fazendo com que o monarca de Creta, amargurado pela perda, impusesse um castigo ao povo derrotado.

Foi estabelecido que, a cada ano, os atenienses enviariam quatorze jovens, sendo sete homens e sete mulheres, para que adentrassem o temido labirinto e servissem como sacrifício ao Minotauro. Assim o poder de Creta sobre os atenienses era anualmente confirmado e a fúria da besta aprisionada aplacada pela carnificina.

O herói Teseu, filho de Egeu e Etra, foi criado por sua mãe sem saber que era o herdeiro do trono de Atenas, uma vez que seu pai, pediu que não fosse revelado a sua herança até que pudesse erguer uma grande pedra e ali, reaver a espada de Egeu. Aos dezoito anos o herói conseguiu obter a espada e seguiu para Atenas para ocupar seu lugar de direito.

Chegando à Atenas, Teseu torna-se um obstáculo para os intentos de sua madrasta, a rainha e feiticeira Medeia, que persuadira Egeu a matar o herói, contudo, o rei reconhece a espada e conclui que Teseu é seu filho, que cumprira o estabelecido e estava ali para ocupar seu lugar como sucessor do trono, o que fez com que Medeia fugisse de Atenas.

Ao saber do pesaroso castigo imposto por Minos aos atenienses, Teseu voluntaria-se para ocupar o lugar de um dos jovens homens que servirá de oferenda ao Minotauro, seguindo para a Ilha de Creta com destino ao labirinto.

Cabe destacar que o herdeiro do trono jamais seria enviado ao sacrifício em condições normais, portanto, não fora imposto a Teseu que seguisse a tão obscuro destino, sendo certo que, o herói poderia manter-se inerte enquanto seu povo pagava o tributo exigido por Minos. Por outro lado, Teseu sabia que a fome da besta não seria aplacada e que o monarca de Creta, uma vez transferido o fardo de seu pecado aos atenienses, não os liberaria de tão penosa obrigação.

Sabendo que cada um é responsável pela proteção dos seus, Teseu entendeu que o único jeito de libertar o povo de Atenas da imposição que lhes custava vidas inocentes era mandar ao Hades o Minotauro, de forma que, por mais que a besta não fosse uma ameaça direta ao próprio herói, Teseu preferiu enfrentar o mal a esperar por mais sacrifícios.

Seguindo para o labirinto, o herdeiro do trono de Atenas desperta o amor de Ariadne, filha de Minos e meia-irmã do Minotauro, que lhe dá um novelo de lã, pois soube por Dédalo, que era a única forma de sair do labirinto. Entrando no temido habitat do monstro, o herói vence a criatura e a mata, saindo vitorioso.

Teseu volta para Atenas com os demais jovens que seriam sacrificados e leva consigo Ariadne, todavia, não a desposa e acaba por herdar o trono uma vez que Egeu tira sua própria vida por acreditar que o

Leandro Costa

herói sucumbira diante da fera dos porões de Minos. O mito de Teseu ainda conta com outros desdobramentos, mas, no momento, é a passagem em que enfrenta o Minotauro que cabe ser observada.

Ao escolher substituir um dos jovens que seria oferecido em sacrifício ao Minotauro, Teseu decide que o povo ateniense não deveria suportar a pena imposta por Minos, de tal forma que pretendia se arriscar e enfrentar a temida besta, posto que, se nada fizesse, nos anos que seguintes, outros jovens serviriam de oferenda ao monstro. Assim sendo, Teseu encara a fera de frente e a mata, haja vista que, não caberia uma ação diplomática em razão ao ser monstruoso, tampouco, pedir que Minos desobrigasse os atenienses de tal fardo, justamente, pelo sacrifício reforçar o poder de Creta sobre Atenas.

Teseu ensina ao povo ateniense que com o mal, dos tiranos ou da besta irracional, não se negocia, sendo necessário enfrentar a besta. Ao recuar diante das trevas, suas hordas apenas se reagrupam e ganham mais forças para lançar um novo ataque, pois sua fome, tal qual a do Minotauro, nunca será saciada.

O recente ataque do grupo terrorista Hamas deixou evidente que o Estado de Israel possui inimigos capazes das maiores atrocidades no intuito de pôr fim à sua existência. O grupo mencionado atacou civis, dentre os quais mulheres, crianças e idosos, praticando uma série de crimes hediondos, o que, por si só, justifica qualquer retaliação de Israel.

As vezes que saíram em defesa do grupo terrorista, infelizmente não são poucas, assumiram duas posturas, uma parcela inverte os valores para, literalmente, culpar Israel pelo ocorrido, considerando que o Hamas reagira à agressões perpetradas pelo Estado de Israel, enquanto outra parte dos que buscam minimizar a ação doentia dos terroristas, em que pese não consiga negar o mal praticado pelo Hamas, lança o argumento de que Israel deveria buscar a solução diplomática ou, se contra-atacasse, que o fizesse de forma branda.

A postura mais radical é a defesa do grupo terrorista sob o manto de uma reação legítima ao Estado opressor de Israel, uma visão doentia, bestial de quem tem a fome irracional pelo poder e pretende apoiar a destruição de Israel como primeiro passo para uma queda de toda a civilização ocidental. Tais indivíduos, assim como os declarados terroristas traduzem a figura do Minotauro como uma fera irracional que devora inocentes em nome de sua bestialidade.

Por outro lado, temos aqueles que se negam a condenar as ações terroristas e que pedem clemência ao grupo em nome das vidas inocentes dos palestinos, fazendo, da mesma forma que os próprios agentes do terror, dos inocentes escudo para a nefasta organização terrorista. Como Minos, não sujam suas mãos com o sangue das vítimas, não diretamente, mas enviam-nas ao Minotauro para que sejam devoradas.

Leandro Costa

O discurso de defesa dos palestinos contra Israel é, na verdade, uma clara defesa do Hamas, único culpado pelas mortes de todos os envolvidos, de forma dissimulada. Em comunhão ao que prega o grupo terrorista, as vozes que assumem a postura falsa de humanidade pregam que Israel, como os atenienses sob o governo de Egeu, aceitem o sacrifício de seu povo, em doses homeopáticas em nome de uma paz unilateral, até que precise aceitar o próximo sacrifício.

A fome do Hamas, e outros grupos antissemitas, não será aplacada pelas mortes que causaram, bem como, o discurso dos que tentam minimizar a ação terrorista ou abrandar uma reação justa do Estado de Israel, não cessará se uma trégua for feita. O que teremos é um Hamas reorganizado, o encorajamento de outros grupos e a solidificação da narrativa que Israel faz um mal e precisa ser combatido.

Como nas favelas do Brasil, o uso dos moradores como escudo se tornou um artifício que permite às diversas organizações criminosas se defenderem das ações do Estado. O abandono das áreas em favor do crime organizado, por mais de três décadas, não trouxe a prometida paz para as localidades nem às demais, a guerrilha narcossocialista apenas se estabeleceu e como soberano e fortaleceu suas defesas.

Cada vez que o Estado brasileiro recua ou adota uma postura apaziguadora em relação ao crime organizado, mais as forças sombrias se consolidam como dominantes e preparam um novo avanço. Os brasileiros já deveriam ter aprendido que pagar tributo ao mal só o mantém no poder e evitar confrontá-lo, mesmo diante da narrativa de poupar vidas que são usadas como escudos, só resultará no sacrifício de inocentes.

Em toda a América Latina, tomada pelo narcossocialismo, parece que as pessoas já assimilaram que os quatorze jovens precisam ser sacrificados, mantendo a política de Egeu e Minos e alimentando o Minotauro. Por outro lado, Israel tem a chance de, tal qual Teseu, enfrenar o mal e por fim a política de sacrifícios.

Esperando que Israel faça pelos seus aquilo que, infelizmente, não é feito por outros líderes, enfrentando o mal. Sabendo que a fome do Minotauro não será aplacada e os covardes defensores da besta não se importam com o povo de Israel, deve aquela nação, como fizera o herói Teseu, enfrentar o Minotauro que o ameaça.

Que sirva de inspiração aos atenienses, judeus, cristão e todos que buscam a verdade em todo o mundo, para que possamos enfrentar o Minotauro que impõe o terror e nos livrar do julgo de Minos. Não há como ser leniente quando se trata da tirania e a luta pela verdade e a liberdade deve ser incessante, mesmo que seja um legado às futuras gerações.

Liberdade ainda que tardia.

Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

NOTA DE REPÚDIO

A *Associação Brasileira de Juristas Conservadores - ABRAJUC*, entidade que congrega profissionais dos diversos ramos do Direito, unidos em torno dos valores e princípios consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, vem a público, mais uma vez, manifestar seu **REPÚDIO** aos ataques terroristas do grupo Hamas, perpetrados contra o Estado de Israel.

O mundo acordou atônito, nesta sexta-feira, com notícias veiculadas pela imprensa internacional, dando conta das dezenas de mortos e centenas de feridos e sequestrados, entre civis e militares, de origem israelense, no bojo do ataque terrorista do grupo Hamas nas fronteiras sul e norte do Estado de Israel com a Faixa de Gaza.

O Ocidente precisa reconhecer o direito de autodefesa do Estado de Israel, diante dos ataques terroristas que afrontam a soberania israelita e coloca em xeque as tratativas de paz em todo o Oriente Médio.

A ABRAJUC se solidariza com a nação israelense e reconhece a soberania do Estado de Israel e seu direito de autodefesa, bem como repudia a ofensiva criminosa do Hamas e todas as suas tentativas de aniquilar o povo judeu e anexar seu território de forma ilegítima.

República Federativa do Brasil, 07 de outubro de 2023

João Daniel Silva

Presidente do Corpo Diretivo Pleno

Erika da Rocha Figueiredo

Diretora de Relações Diplomáticas



Seja associado da
ABRAJUC

Contato



21 99763-3255

Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Edson Araujo

Dica de Livro



"O debate atual sobre termos um currículo nacional é uma farsa. Já temos um currículo oculto cujo objetivo é emburrecer, e nenhuma mudança nos conteúdos pode reverter seus efeitos macabros. As escolas ensinam exatamente o que pretendem, e o fazem muito bem: elas são um mecanismo de engenharia social. Está na hora de encararmos o fato de que a escola obrigatória é nociva para as crianças e que fazer remendos não resolverá o problema. A culpa não é dos professores ruins ou da falta de investimento: injetar mais dinheiro ou mais gente nessa instituição doente fará apenas com que ela fique ainda mais doente. Se queremos mudar o que está rapidamente se transformando num desastre de ignorância, temos de compreender que a instituição escolar serve para “escolarizar”, mas não para “educar”, e que “educar” e “escolarizar” são termos mutuamente excludentes. É urgente ignorarmos as vozes autorizadas da televisão e da mídia e recuperarmos as premissas fundamentais de uma verdadeira educação.

Adquire o seu exemplar, [clikando aqui](#)

Dica de Filme



Passasse no tempo do declínio romano, onde Santo Agostinho levava sua vida mundana porém sempre em busca da verdade. Santa Mônica sempre acreditou na conversão de seu filho e rezava noite e dia sem cessar por sua conversão, seu conselheiro e diretor Santo Ambrósio teve um papel fundamental na conversão de Santo Agostinho. 30 anos de oração, e hoje temos a honra de pedir vossas intercessões, nosso grande Santo e Doutor da Igreja Católica. Santo Agostinho, Santa Mônica e Santo Ambrósio rogai por nós!

[Assista, gratuitamente, aqui.](#)

Dica de música



André Rieu ft. Gheorghe Zamfir - The Lonely Shepherd

[Ouça aqui](#)

Dica de poema

*P*ROFESSOR

*Se não fosse o professor,
A quem devemos o saber,
Não teríamos a riqueza
De a cultura conhecer.*

*O professor, nosso mestre,
Nosso guia e nossa luz,
Na busca do conhecimento,
Com amor ele conduz.*

*Oh! Mestre amado, querido!
Transmissor do conhecimento!...
O nosso carinho e respeito,
Com eterno agradecimento.*

*Quem não lembra do professor!...
O aprendizado das primeiras letras – a leitura?
Ou o “mestre” na faculdade,
Na formação profissional, ou na cultura?*

15 de outubro – Dia do Professor.

